



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CINEMA: MEDIADOR DO DIÁLOGO NO PROCESSO CRIATIVO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA ESCOLA

Aldenira Mota do Nascimento*
(UNIRIO)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar duas produções audiovisuais feitas dentro de uma escola particular da Zona Norte do Rio de Janeiro, por crianças entre 8 a 15 anos de idade, estudantes do ensino fundamental, à luz das leituras e debates realizados no grupo de pesquisa O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos educativos coordenado pela Prof^a. Adriana Hoffmann. Pretende-se observar de que maneira o conhecimento sobre o cinema perpassa esses processos criativos; de que modo o diálogo acontece através dele; quais foram as negociações, dificuldades e aprendizagens dos sujeitos desse processo. Reflete-se também sobre o papel da escola e do professor, discutindo aspectos vividos na formação do professor-mediador.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Educação, Ato criativo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta duas produções audiovisuais realizadas numa escola particular da Zona Norte do Rio de Janeiro, por alunos do ensino fundamental das quais participei como professora. Os trabalhos escolhidos são produções realizadas após uma experiência que vivi em 2001 e teve a duração de um ano – neste momento, o “medo pelo desconhecido” foi, de certa forma,

* Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Mestranda em Educação (UNIRIO). Participante do grupo de pesquisa O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos educativos, coordenado por Adriana Hoffmann Fernandes. Bolsista REUNI com o projeto “Ver, narrar e praticar: uma prática envolvendo formação de professores.” E-mail: profald@ig.com.br

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

superado, pois por ser uma prática ainda inexistente na minha formação enquanto educadora (e sem outras referências de realização desse fazer cotidiano com filmes), foi mediada por profissionais da área de comunicação.

As duas experiências que aqui discuto tinham como objetivo perceber como o ato criativo se dava em cada grupo. Nessas produções procurei mediar a prática da realização com os alunos pela sequência aprendida na primeira experiência (seguindo a “ordem” que nos foi passada sobre as etapas de realização de um filme – desde já, uma novidade, pois como telespectadora não fazia ideia de todas essas etapas): tema, argumento, pesquisa, delimitação do público e do tema em si, roteiro, storyboard, definições de funções, locações, filmagens, edição, lançamento.

Hoje, mestranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e participante do grupo de pesquisa O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos educativos, coordenado pela Prof^ª. Adriana Hoffmann, através das leituras e reflexões realizadas no grupo, senti o desejo de fazer um diálogo entre os autores e os processos de autoria e criação das crianças e jovens participantes desses projetos audiovisuais de minha experiência anterior – objetivo que busco concretizar nesse texto.

Atualmente, a escola precisa, cada vez mais, ser um espaço estimulador, instigador e inclusivo para as crianças e jovens que vivem numa sociedade formada por imagens desde que nascem. Estas, por sua vez, vêm causando mudanças no modo de ver, fazer, pensar, aprender desses sujeitos para que possam encontrar nesse espaço de aprendizagem possibilidades de escolhas na/para vida, bem como um olhar crítico e criativo sobre essas imagens (DUARTE, 2011).

Assim, a escola é mais um espaço de formação e informação e que os sujeitos que fazem parte desses espaços têm contato com várias mídias também fora da escola já que as aprendizagens acontecem de várias maneiras: “quando

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

propomos uma educação estética, entendida como fundamental ao desenvolvimento de todas as capacidades humanas, compreendemos a estética como um conhecimento tão importante quanto os demais de ordem científica, sem hierarquização.” (SANTOS, 2008, p. 9).

Santos (2008, p. 9) também traz dados bastante interessantes que me levam a refletir, mais uma vez, o lugar dessa imagem na sociedade e na escola:

[...] a juventude brasileira gasta, aproximadamente, cinco horas cotidianas diante da TV e usufrui da Internet por um período extenso. Estes espectadores têm nas produções audiovisuais o principal ou exclusivo modo de consumo cultural. Dito isto, é inevitável considerar a pertinência da educação estética audiovisual como uma proposta de formação estética nas escolas.

Refletindo sobre tais aspectos dentro da escola desde 2001 e experienciando com as crianças essa vivência, percebo que esse processo criativo com audiovisual traz questões que foco nesse texto: em quais momentos desse processo de criação vivido pelos jovens foi possível perceber a presença do cinema como mediador de diálogos? Como a linguagem cinematográfica se apresentou nesse processo criativo?

Para realizar essa análise utilizo os princípios gerais de um percurso educativo na escola, que Fantin (2006) propôs a partir de uma pesquisa que trabalhou a relação crianças, cinema em mídia-educação em diferentes contextos socioculturais. Os princípios apresentados são: relação do cinema com outros meios; repertório diverso e variado; espontaneidade das reações e verbalizações das crianças; interpretação e compreensão criativa; problematização; situação coletiva; linguagem cinematográfica; experiência de produção; avaliação e registro; metarreflexão.

Fantin (2006) deixa bastante claro em seu texto que não quer que esses

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

princípios sejam uma “camisa de força” do fazer pedagógico, mas que sejam princípios orientadores das possibilidades de fazer dos professores que utilizarão sua capacidade criadora em seu fazer pedagógico, bem como em sua possibilidade de apropriação crítica e criativa pelos sujeitos desses contextos. Dessa forma, justifico a utilização desses princípios, entendendo que este se apresenta como um processo de destessitura de uma colcha de retalhos, ou seja, eu não estou utilizando os princípios para criar, e sim para refletir sobre o processo coletivo e individual vivido com os autores desses processos.

Ao destecer cada pedaço de retalho (os processos), terei oportunidade de analisar essa criação por outros pontos de vista, pois com diz José Saramago no filme *Janela da Alma*: “[...] para se conhecer as coisas é preciso dar-lhes a volta.” Sendo assim, lembrar, contextualizar, analisar, criticar, teorizar sobre a experiência vivida são atitudes que podem dar lugar a outras construções, bem como valorizar cada vez mais a importância do cinema dentro da escola, a criação de audiovisuais pelos jovens, e a importância deste na formação dos professores. Através do fazer com os jovens, o desejo e o gosto pelo cinema ampliou-se e foi estreitando-se pelo contato com pessoas apaixonadas por essa arte.

Dito isso, apresento-me como uma professora que acredita na relação de respeito entre as pessoas, crianças e adultos, bem como, parto do princípio que o conhecimento está em todo lugar e em todos, que o saber/não-saber faz parte de todo sujeito que realiza um processo criativo, e entendo também que uma prática mais consciente e reflexiva é cada vez mais democrática e dialógica com os saberes/fazer dos sujeitos desses contextos.

Por esse motivo, busco contextualizar cada processo de criação explicitando o que se sobressai em cada um deles. É importante esclarecer que essa proposta de fazer um vídeo surgiu do desejo de um grupo de alunos.

Para esse diálogo, trago também Bergala (2008, p. 33-34), que convida a

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pensar “[...] o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo, e o cinema como arte”, trazendo uma reflexão sobre o papel que a arte pode ter dentro das escolas, embora ele critique a instituição escolar.

Pensando na estrutura da escola, Bergala (2008) diz que ela não foi feita para incluir no seu cotidiano a arte, mas ela representa para muitas crianças e jovens o único lugar onde esse encontro pode acontecer, assim como aconteceu com ele, que diz ter sido pela escola, que um professor convenceu sua mãe de deixá-lo ir além do primário, ampliando assim suas possibilidades culturais e sociais.

Também dialogo com Rosália Duarte (2009), que como pesquisadora na interseção das áreas do cinema e da educação nas suas reflexões, busca fazer o casamento da educação com o cinema de forma apaixonada, algo que muitas vezes – através do pensamento moderno – é visto como dicotomizado, fragmentado e que não pertence ao universo da escola, mas apenas refere-se ao espaço do entretenimento que não educa. Os autores da área de cinema e educação contribuem para essa reflexão nas especificidades de cada área e nos ajudam a refletir sobre o fazer dessas produções vividas, quando percebemos que os conhecimentos produzidos estão em constante construção nesses processos de diálogo e criação que apresentarei a seguir.

Luz, câmera, ação (e criação)

Assim como Bergala (2008), entendo que é importante, na escola, o estudante ser confrontado individualmente com a responsabilidade de um gesto de criação, e esta aprendizagem individual, vai ter o encontro com a aprendizagem coletiva, pois no espaço escolar em que estes vídeos foram feitos vigora a concepção de que o conhecimento individual é sempre um processo social que acontece na interação entre os homens. Nesse sentido, os aspectos cognitivos e

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

socioafetivos estão envolvidos de forma indissociável, levando em conta que a criança/o adolescente é um todo e que ela/ele se insere num grupo que constrói uma história pelos diferentes indivíduos que a compõem.

Assim sendo, apresento duas produções – MSN: Malucos Sem Noção (2005) e Noite Aterrorizante (2006) – nas quais busco privilegiar o diálogo, observando como ele acontece em cada uma delas, pois o diálogo faz parte da proposta pedagógica dessa escola. Sendo assim, procurei ouvir os alunos para que eles também aprendessem a ouvir e a respeitar o outro. Dessa maneira, a aprendizagem se constitui e aparece no cenário aqui traçado pelas falas dos diferentes jovens personagens/autores que fizeram parte desse projeto.

MSN: Malucos Sem Noção

Esse trabalho foi realizado por um grupo de estudantes participantes da 1ª oficina de vídeo da escola OgaMitá, criada e ministrada em 2005. A proposta foi que os alunos criassem um argumento e uma história. Eles trouxeram a proposta, por sinal, muito criativa. Combinamos que eles teriam dois tempos de 50 minutos para gravar as cenas e teriam que editar o vídeo em casa. Eles gravaram, pediram a ajuda para um funcionário da escola que gostava também de trabalhar com audiovisual e gravaram as cenas e depois três estudantes se reuniram e editaram o filme com a ajuda do pai de uma aluna.

Nesse projeto vemos que esses saberes estão dentro e fora da escola. Uma das alunas que liderou e lutou tanto por essa produção, utilizou os conhecimentos de seus familiares e os recursos técnicos para realizar o desejo de fazer parte desse evento cujo objetivo era a troca de jovens que produziam filmes na escola. Nesse filme ficaram evidente algumas marcas do cinema no fazer criativo, como discute Bergala (2008), pois os jovens utilizaram a imagem do dependente de uso do MSN, como é apresentado em jornais um dependente químico. Todo esse processo não passava de uma grande brincadeira para todos, um trabalho que eles gostavam de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fazer/criar e sempre buscavam uma solução para as dificuldades apresentadas nesse processo. Figurino, cenários, produções não eram o mais importante para essas crianças, mas sim esse processo de criação vivenciado, que fazia tanto do espaço escolar quanto do espaço de casa esse fazer que misturava a brincadeira à responsabilidade do trabalho.

Essa produção atendeu praticamente todos os itens sugeridos por Fantin (2006), pois foi um trabalho que teve pouco tempo para discussão e produção, carregou nele um refinamento de conhecimento dessa linguagem. As crianças utilizaram experiências da televisão, dos jornais e de seu repertório cinematográfico, bem como das aulas que tiveram na oficina de vídeo com o pai de uma das integrantes do grupo. Esse pai tinha uma produtora de vídeo e naquele ano estava realizando um filme, então veio em alguns encontros do grupo falar sobre alguns recursos, processos e técnicas utilizados na realização de um vídeo.

Com esse grupo, poucos foram os momentos de assistir filmes sugeridos pelas professoras, mas a experiência de assistir o filme e analisá-lo com a ajuda de profissionais da área foi muito significativo. Mais uma vez, percebo que a dicotomia dentro e fora desaparecem porque, para as crianças, todas as aprendizagens se misturaram na criação. Elas utilizaram recursos de filmes que estavam no circuito aberto de cinema, às aprendizagens que tiveram na oficina de vídeo, além das ideias e aprendizagens individuais para concretizar um desejo coletivo.

Noite aterrorizante!!!

Esta produção foi realizada com um grupo do 5º ano. Essa proposta foi bem diferente da anterior, pois era a primeira vez que faria uma atividade audiovisual com crianças menores do ensino fundamental. Desde o início, ficou combinado que a história escolhida iria deixar de ser individual e seria coletiva, podendo os integrantes do grupo interferirem na ideia inicial. As crianças participaram desse

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

processo eram as que gostavam muito de ler e assistir a filmes. Eles utilizaram personagens da Turma da Mônica e outros no vídeo. Para a maioria, a confecção do cenário foi uma brincadeira. Também foram importantes as negociações do grupo com um amigo muito querido por eles, mas que tinha muita dificuldade de lidar com os limites e de ter envolvimento com o trabalho.

O interessante nesse trabalho foram as alternativas encontradas para solucionar as dificuldades apresentadas para representar o que eles tinham escolhido no roteiro. Foi o primeiro filme feito com massinha de modelar, cujo cenário foi uma caixa de papelão.

Um exemplo bastante interessante para demonstrar a criatividade dessas crianças foi a solução que eles deram para fazer a neblina no vídeo. Eles utilizaram um nebulizador para dar esse efeito. Nessa produção, foram necessárias algumas mediações com relação ao enquadramento. Eles sabiam o que queriam, mas a ideia era sempre filmar de cima da caixa. Dessa maneira, fizemos o exercício de filmar e ver se tinha o efeito desejado, e assim foram sendo feitos os enquadramentos. Como eles escolheram criar um filme de animação, puderam perceber o quanto demorava esse processo. Por vezes, se sentiam cansados, mas foram até o final. Nessa produção eles mudaram o roteiro inicial porque notaram que era muito grande, mas só aceitaram essa mudança depois que viram o trabalho que dava animar toda a história.

Nesse processo, o princípio sugerido por Fantin (2006), de repertório diverso e variado, ficou a desejar. Os poucos filmes que assistimos foi mais com um viés ilustrativo. Com as crianças menores, percebo que o processo de criação, diálogo e problematização podem e devem acontecer, mas o processo de realização do ato criativo, suas etapas são bem diferentes daqueles realizados com os jovens.

Nesse caso, as crianças demoraram muito tempo para criar a história, desenhando o storyboard e na confecção do cenário, sendo os momentos que eles

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mais gostaram. Deu para perceber que eles precisavam viver cada etapa para entender o que acontece com as imagens que veem nos filmes. A filmagem e a edição em si, eles acharam muito demoradas, mas as soluções para os problemas eram sempre muito criativos, ou seja, o fazer é uma grande aprendizagem de reflexão e crítica.

As intervenções com relação ao relacionamento e à organização para a atividade demandou muita intervenção da minha parte, como professora. Esse trabalho também não foi o único de todo o grupo, foram três produções realizadas na mesma turma, então tinha que ter muita organização para fazer esse trabalho diversificado. Mesmo assim, tivemos um momento de avaliação dessas produções. A riqueza foi grande, mas o que mais foi discutido por eles não foi o processo de realização e sim, o quanto o descomprometimento dos integrantes do grupo pode afetar na produção coletiva.

Nessa produção, fica muito clara a relação que eles carregam das diversas mídias e como, muitas vezes, o não saber da técnica pode possibilitar algumas soluções bastante criativas.

O cinema foi pouco utilizado nesse processo, como ampliador do olhar, como arte e até como ilustrador. Nesse projeto, o foco maior foi utilizar o ato criativo e trabalhar as questões de relacionamento, compromisso com o trabalho e autoestima dos integrantes do grupo. Nessa atividade, percebi que o fazer dentro da escola tem características bem diferentes de um fazer profissional, pois o nosso olhar é no sujeito como um todo. Não entendo o ato criativo como resultado, mas como processo, no qual questões individuais e coletivas dialogam. O professor precisa estar atento a todas elas.

CONCLUSÕES

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Pesquisar a própria prática é se expor, mas consciente dessa possibilidade é que propus esse trabalho, para entender como o cinema fez parte desses processos de criação, já que o entendo como patrimônio artístico e cultural da sociedade, bem como campo de produção de valores.

Os autores desse processo puderam conhecer, experienciar situações e compartilhar, dialogar com sua autoria e com a dos colegas, agindo como cidadãos mais conscientes das possibilidades de uso desses instrumentos numa alfabetização midiática. Fantin (2006, p. 1) afirma que:

O cinema no contexto da mídia-educação pode ser entendido a partir de várias dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas – inter-relacionadas como caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático educar sobre o cinema. Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos.

Nessas produções aqui apresentadas, o cinema foi utilizado por mim como um ilustrador para trabalhar algumas questões com relação ao grupo, ou para se definir o estilo que se pretendia ser realizado pelas crianças. O cinema foi vivenciado pelo grupo também como entretenimento. Ao escrever este artigo, percebo a pouca mediação feita por mim com relação ao cinema, enquanto possibilidade de ampliar o olhar desses jovens. Para se realizar esses projetos, muitos dos estudantes traziam uma bagagem dentro de si sobre o cinema. Nessa perspectiva, o conhecimento está dentro e fora da escola e meu papel de educadora nesse momento seria considerar e valorizar esse conhecimento para que os estudantes se sentissem parte do processo de criação, como meio de comunicação e expressão, mas também, desenvolver um senso crítico sobre esse tipo de conhecimento – o que em muitos momentos não foi feito.

Não foi feito, não porque eu não tivesse um compromisso político, social

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

com as crianças, mas entendo quando Bergala (2008, p. 26) fala que: “[...] o medo (legítimo) dos professores que nunca receberam formação específica nessa área e que se apegam a atalhos pedagógicos tranquilizadores, mas que, com certeza, traem o cinema.” Vejo que por essa falta de formação não atuei de maneira a ver o cinema como arte, na perspectiva apontada pelo autor, como também não ampliei as possibilidades que o cinema trazia, pois não tinha essa compreensão na minha formação acadêmica e profissional. Olhei e trabalhei com filmes, na maioria das vezes, como um recurso didático, apenas para ilustrar de forma lúdica e atraente o que eu queria comunicar aos estudantes.

Bergala (2008, p. 27) percebe que nós somos mesmo sujeitos subjetivos e complexos, pois essa “ignorância” sobre o cinema também não me permitiu fazer as análises dos filmes como “[...] produtor de sentido (o autor escolheu esse ângulo ou esse quadro para significar isso) ou, nos casos menos graves, como produtor de emoção.” No entanto, hoje percebo que em vários momentos dessas mediações atuei, como fala Fantin (2006), como diretora dessas produções, orientando e fazendo-os pensar sobre possíveis encaminhamentos dessas produções coletivas.

Para Bergala (2008), o maior perigo não é o “saber” do professor sobre o cinema, mas é a maneira como ele se apropria de seu objeto. O autor, que também é cineasta, traz uma metodologia dessa prática dentro da escola, e percebo que eu também pude desenvolver – apesar de não conhecer muito sobre cinema – uma prática do ato criativo – mesmo que sob outras vias. O autor também critica as produções dos filmes “cartão de visita” nas escolas, os finais são surpreendentes, cada plano está lá para dizer: “vejam o que eu sei fazer” (BERGALA, 2008, p. 183).

Como eu já tinha uma experiência bem-sucedida, do tipo “cartão de visita” na escola, eu quis deixá-los mais livres nas produções. Hoje vejo que queria perceber o que cada grupo, de acordo com os seus contextos, tinha como “experiência estética” que era trazida para diálogo nos momentos de produção.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Mas, esse desejo só aconteceu depois de uma prática bastante mediada por profissionais da área de produção audiovisual. Percebo que tinha receio de não conseguir ter um produto final para apresentar aos pais, à direção, para mim e para as crianças, pois a frustração seria grande. Este último ponto, de certa forma, não era o mais importante porque sempre acreditei na força que o coletivo tem e como uma relação de respeito com as crianças pode trazer avanços no processo de ensino-aprendizagem.

Outro ponto bastante interessante apontado nesses processos foi que: o mais importante para nós foi o próprio processo e não só o produto final, pois pudemos avaliar e ver se houve “[...] uma experiência, e que esta tenha realmente ensinado alguma coisa por outras vias que não a do ensino no sentido clássico do termo.” (BERGALA, 2008, p. 175).

Mesmo não possuindo uma mediação mais efetiva na ampliação do olhar, no oferecimento para as crianças de um repertório cinematográfico mais rico, esses sujeitos trouxeram de suas experiências pessoais contribuições para a criação de seus vídeos e de suas histórias, e que bem como pela ignorância desse fazer, puderam criar outras possibilidades. Entendo que esses processos de criação foram exercícios em que o saber estava presente em todos os protagonistas desse contexto, pois, mesmo acreditando na potencialidade dos estudantes, me surpreendia com seus saberes e suas possibilidades de resolver problemas e de criação. Também vivi em alguns momentos o medo de não ser a detentora do saber sobre esse universo que explorava, e esse refletir também foi um exercício para mim enquanto educadora.

Duarte (2009) defende uma postura não dicotômica do cinema na escola. Ela sabe como o professor utiliza essa arte na escola, defende outras possibilidades de utilização do cinema enquanto formador de gosto estético e criativo, mas entende que é necessária uma formação para os professores nos curso de ensino



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

para professores. Assim, finalizo com uma fala dela que também representa um desejo meu:

Seria muito bom se todas as universidades e escolas tivessem espaços equipamentos adequados para a exibição regular de filmes, com uma programação tanto para entretenimento (o prazer de ver é ponto de partida) quanto para o ensino de história e teoria do cinema. Seria bom se os professores tivessem noções básicas de cinema e audiovisual em sua formação. (DUARTE, 2009, p. 76).

REFERÊNCIAS

- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação, cinema e produção audiovisual na escola. In: **Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 6. , 2006.
- JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. **Documentário**. [S:]: Europa Filmes, 2003. 1 DVD (73 min), widescreen, color.
- SANTOS, Luciana Silva dos. **A experiência estética na relação de crianças com filmes**. Projeto financiado pelo Cnpq. Orientado pela professora Rosália Duarte. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/index.html>>. Acesso em 25/05/2011.